

Pereira da Silva,⁽¹⁾
o poeta

Ministro JOÃO LYRA FILHO
antigo Reitor da Universidade
do Estado da Guanabara (atual UERJ)

Não fossem as distorções das circunstâncias, preferia estar naquela igreja de Araruna em que o poeta paraibano agora invocado espairoseu as tristezas da sua infância. Talvez pudesse adivinhar na Capela da Conceição a presença do coroinha Antonio Joaquim, cheio de si, com sua opa costumeira e sua precoce gravidade, tangendo o sino, acendendo as velas do altar, ajudando a missa, engrossando o coro litúrgico do mês mariano ou meneando o turbulo na hora de bênção do Santíssimo. As rezas e as cantorias compassaram os embalos da saudade que cedo lhe abriu a alma aos acenos da poesia: a saudade do amor caseiro.

A morte fez-lhe o pai suspender o ofício de carpinteiro habituado ao fabrico de violas e esquifes. O destino malvado não quis que o filho o conhecesse. No livro *Alta Noite* encontro este quarteto:

*Recusou-me o destino essa ventura
de conhecer meu pai e, às vezes, quando
alguém lhe evoca o nome venerando,
que dor a dessa perda prematura!*

Antônio Joaquim imagina-lo-ia madeirando sua arte no pranchão, entre a serra ou o serrote, a lima ou a pua, a plaina ou o formão, o torno ou o enxó; sobravam no chão as crespas maravalhas varridas como os próprios sonhos da sua meninice. Os sonhos deixaram-lhe as lembranças das violas e dos esquifes, que atraem ante a vida e a morte as plangências íntimas da alma humana. Noutro dia também amargo Antônio Joaquim viu sua mãe Maria Ercelina de marido novo. A tarde caía quando a cavalo se foram ambos ao encontro da

(1) A Academia Brasileira de Letras comemorará o centenário de nascimento do poeta em 12 de novembro deste ano de 1977.

lua-de-mel, deixando-lhe o olhar marejado à sombra de um juazeiro. Sua infância em casa avoenga teria que rolar na melancolia.

Muito tempo depois ele escreveu que deveria chamar-se Antônio Joaquim Pereira da Cruz: “Quando meu pai morreu, recolhi como herança, e conservei por muito tempo, uma cruz de madeira na qual trabalhou até às vésperas (profecia, talvez, do meu destino). Eu deveria chamar-me Pereira da Cruz. Hesitei em assinar-me assim. Mas, por ele mesmo, fiquei Pereira da Silva”. Sem embargo, a cruz entraria em sua assinatura, não só no seu destino, em respeito ao vazo do tempo antigo. Então, os pais juntavam ao nome do filho o sobrenome do padrinho. O padrinho de Antonio Joaquim chamou-se Guilhermino Pereira da Cruz. Pereira foi também sobrenome de sua mãe.

Pereira da Silva nasceu em 6 de novembro de 1876. Repasso a verdade em face da certidão do seu batismo, que espanca as dúvidas quanto ao ano e à data desse fato. O Boletim de Informação da Academia Brasileira de Letras, correspondente a 16 de julho de 1976, registra que, “de acordo com os assentamentos feitos pelo próprio acadêmico, a data é 12 de novembro de 1877, quando será comemorado o seu centenário”. Há desencontro entre o registro acadêmico e o reiterado depoimento do autor em algumas de suas poesias. No livro *Solitudes* (pág. 178) lê-se um soneto intitulado *Nove de Novembro* ao qual pertence este primeiro quarteto:

*Um ano a mais. . . dezenas de milhares
de dias idos. . . e que dias rudes
com seus contrastes, mil vicissitudes.
pesares e pesares e pesares;*

No seguinte volume (1923), *O Pó das Sandálias* (pág. 180), existe outro soneto com o mesmo título *Nove de Novembro* e estes versos iniciais:

*Acordo, Aniversário natalício.
É mais um dia de recordação.
Hoje sou mais feliz do que no início
de tanto esforço ingenuamente vão?*

A tônica ainda se repete em mais um soneto, também chamado *Nove de Novembro* e incluído no livro de 1928 *Senhora da Melancolia* (pág. 57):

*Um ano a mais na lenta caminhada
de minha vida de íntima tortura,
inútil, eu bem sei, mas devotada
a ingenuidade da beleza pura.*

Respeito o teor da certidão passada pela Paróquia de Araruna e extraída conforme consta do Livro 04, fls. 114. A criança foi batizada pelo Vigário Francisco Xavier da Rocha em 12 de março de 1877, quando possuía **quatro meses e seis dias de idade**. Então, os registros de nascimentos e óbitos eram feitos nos livros paroquiais e a certidão de batismo supria a dos cartórios.

Sabemos que a lei de 6 de setembro de 1850 não passou de vã tentativa para obrigar os registros nos livros dos cartórios a cargo dos Juízos de Paz e que, por decreto de 29 de janeiro de 1852, o Governo Imperial suspendeu a

execução do regulamento baixado em consequência dessa lei. Alinhavou-se a extensão do movimento que ficou conhecido na crônica pelo nome de **Ronco da Abelha**. É provável que os próprios sermões dos sacerdotes tenham contribuído para o retorno às práticas tradicionais.

A certidão não vale apenas como prova relativa ao ano e ao mês do nascimento, mas também quanto ao dia exato. Antonio Joaquim possuía quatro meses e mais seis dias quando levado à pia batismal em 12 de março de 1877. A data correta, bem feitas as contas, só pode corresponder ao dia seis; o cômputo abrange, do bissexto ano 1876, 18 dias de novembro e 31 dias de dezembro, bem como 31 dias de janeiro, 28 dias de fevereiro e 12 dias de março de 1877. O total equivale a 120 dias, ou a quatro meses. Batizado em 12 de março de 1877, com quatro meses e seis dias, a contagem regressiva torna claro que **Antonio Joaquim Pereira da Silva nasceu em 6 de novembro de 1876**.

ARARUNA, TERRA E SANGUE

Araruna, ou araraúna, significando arara preta, era uma povoação de Bananeiras quando o poeta se preparava para nascer; por coincidência, o povoado tornou-se vila no próprio ano do seu nascimento. Eis o que faz certo a Lei nº 616, de 10 de julho de 1876, assinada pelo Barão de Mamanguape, Senador do Império e então Presidente da Província. O município desmembrou-se de Bananeiras e instalou-se em definitivo no dia 16 do mês de novembro em que ele nasceu. Em 15 de novembro de 1938, por força do Decreto-lei nº 1164, o então Interventor no Estado lhe reconheceu foros de cidade.

Araruna dos tempos remotos conhecera os índios cariris, que teriam ido à Paraíba de um lago encantado existente no setentrião continental; talvez no Amazonas. Os cariris estenderam-se pelo Nordeste e chegaram a atingir o litoral; rechaçados pelos tupis invasores das costas, retiraram-se para o sertão e ali foram dizimados pelos colonizadores europeus. Von Martius atribuiu-lhes muitas habilidades adquiridas no Alto Norte, ao confrontá-los com os povos das demais nações indígenas; eram práticos no trabalho agrícola e engenhosos no trato da fiação e da cerâmica. Os exames em vários achados de sepultura comprovaram suas habilidades: colares de contas em fios de algodão, trançados com fibras de caroá, tãbetás e miraqitans de pedra verde.

A progênie de Pereira da Silva não alcançou aqueles índios puros das tribos dos cariris. A fisionomia social da Borborema começou a fixar-se por influência dos fazendeiros que primitivamente se radicaram no sertão. Os primeiros habitantes dos brejos foram por eles agregados para constituírem a mão-de-obra da criação de gado e preparo da lavoura; os produtos pecuários e agrícolas eram indispensáveis tanto ao abastecimento dos moradores quanto à manutenção da gente recrutada para os serviços de segurança das fazendas.

O pessoal tornava-se cada vez mais numeroso, crescendo na medida do enriquecimento das propriedades; o enriquecimento impunha recursos de sustento das guerras ao gentio brabo, obstinado nos assaltos, invasões e pilhagens. Mas os indígenas seriam contidos e aldeados; aos poucos, assimilariam os costumes dos colonizadores. O tempo haveria de permitir à miscigenação o

amoldamento adequado à vida comunitária através das sucessivas gerações; a população expandir-se-ia em sítios e brejos cada vez mais disseminados.

A vida começou a florescer com o cultivo da cana-de-açúcar nas terras vermelhas ou roxas dos morros e das várzeas do litoral. A cana permitia a extração de suco e a fabricação de rapadura, que, aos poucos, como a farinha de mandioca, o milho, a fava, o fumo, o algodão e o café, seriam riqueza dos brejos. As terras passaram a exprimir valor e nelas os fazendeiros construíam suas casas de veraneio.

Os ranchos em poder das proles dos primitivos agregados e dos indígenas incorporados ao meio sedentário tomaram-se foreiros dos donos das terras e os núcleos populacionais em expansão transformaram-se em povoações. A produção agrícola e pecuária animava as feiras e o comércio. Os instrumentos do trabalho roncero revezavam-se: o machado, a foice, a enxada e a pá.

A cobiça dos colonizadores e seus descendentes deu causa ao descompasso, sacrificado pelo alastramento das queimadas e pela devastação das matas; em consequência, a fertilidade da terra e a pureza do clima foram comprometidas. As metas resumiam-se nos avanços dos proveitos individuais.

Mas a população crescia no amplo regaço da Serra. Segundo uma estatística de 1851, a Borborema paraibana já então abrangia 100.954 habitantes livres e 12.576 escravos. Os municípios litorâneos, inclusive o da Metrópole, possuíam 42.989 habitantes livres e 8.768 escravos, ao passo que os sertanejos somavam 36.536 habitantes livres e 7.129 escravos. Os índices percentuais entre uma região e outra, próximos da paridade, revelam que não seria visionário quem imaginasse no sertão o encontro de uma nova canaã.

Já no ano anterior ao do nascimento de Pereira da Silva, o recenseamento concluído em 28 de junho de 1875 indicava que a Paraíba possuía 375.541 habitantes, ou pouco mais do total que corresponde à população agora existente na sua principal cidade: 175.074 homens e 200.467 mulheres, compreendendo-se na soma 812 estrangeiros. 352.899 habitantes eram livres, ou quase toda a população — 163.495 homens e 189.404 mulheres; escravos só 22.642, dentre os quais 11.579 homens e 11.063 mulheres.

O número de brancos, no conjunto dos sexos, totalizava 100.818 habitantes, bem menos da terça parte; o número de pardos atingia 200.053, perto de dois terços. Índios puros só existiam 14.300 e pretos sem mescla 60.370. Pereira da Silva incluir-se-ia no rol dos paraibanos pardos, se contemporâneo do recenseamento.

O censo agora resumido permite-nos imaginar o pé em que andava a miscigenação em Araruna quando nasceu o poeta, por muitos chamado o caboclo Pereira da Silva. A antropologia faz-nos saber que os caboclos constituem produtos resultantes de cruzamentos entre índios e brancos, mas a ciência do povo sertanejo acostumou-se com a presença de caboclos originários de conúbios alvinegros.

O caboclo do sertão que proveio do negro difere do índio primitivo em sua expressão somática, nos pigmentos da pele e nos repuxos dos cabelos predispostos ao alisamento. Escravos de sangue não apenas africanos existiram nas regiões do Nordeste, principalmente nos engenhos da Borborema e nas fa-

zendas do sertão do Cariri. A história colonial reconhece que não foram poucos os cruzamentos de escravos africanos com escravos indígenas.

O caldeamento racial não constitui fator disgenético; os mestiços em nada são inferiores aos brancos. Os negros e os mestiços — mulatos, caboclos ou cafusos — enfrentaram com braço potente e pele luzente as violências caniculares do árduo trabalho da colonização; apesar de mal nutridos, resistiram às doenças tropicais e fecundaram na terra vazia as promessas da civilização.

Ainda hoje é expressivo o percentual de mestiços na média da população nacional. A brasilidade neles acentuada envolverá o mapa do país no dia em que o celeiro amazônico desprender-se enriquecido para adentrar-se em nosso território e espriar-se pelo litoral. Os valores humanos de pele morena e cabelos escuros não rarearão neste país infenso àquele arianismo mimado pelos apologistas peremptos da raça pura.

A boa mescla apurar-se-á progressivamente por influência de uma atmosfera social beneficiada pelos fatores de cultura entrevistos com a penetração do nosso desenvolvimento econômico. O mostuário que nos induz à aceitação deste pressuposto incorpora-se à nossa própria história social. A prole mestiça dos nossos valores humanos envolve a filosofia, as ciências, as letras, as artes e os desportos. Deram-lhe presença perene Tobias Barreto, Farias Brito, André Rebouças, José Maurício, Cruz e Souza, José do Patrocínio, Tito Lívio de Castro, Juliano Moreira, Teodoro Sampaio, Machado de Assis, Carneiro Ribeiro, Gonçalves Dias, Carlos Gomes, Nilo Peçanha, Cotegipe, Torres Homem, Coelho Neto, Olavo Bilac, além de José Maria dos Santos, Perilo de Oliveira, Eliseu Cesar, João de Lourenço, Pereira da Silva; estes últimos, nascidos na Paraíba.

O resíduo do sangue indígena que porventura se tenha metido no corpo de Pereira da Silva não lhe desmereceu a saliência parda presente até mesmo nos seus versos, cadenciados como se em ritmo de banzo. A crítica literária sempre lhe reparou o tom monocórdio da poesia. O poeta não teve jeito para travar intimidade com a alegria; macambúzio, taciturno, murcho, confiou-se ao retraimento. Os conhecidos mais chegados ao seu convívio deram-lhe um apelido: Jaburu. Sua psique há de ter sido influenciada pelos ressentimentos infantis nascidos com a ausência dos pais. Assim não são os mestiços descendentes de negros; os mulatos são mais afeitos às sublimações que aos ressentimentos. O autismo faz-nos admitir a existência de fenômenos patológicos caracterizados pelo desligamento da realidade exterior e criação de um mundo autônomo.

Pereira da Silva encontrou esse seu mundo e dentro dele fez nascer a poesia que lhe deu fuga às angústias. Ele próprio reconheceu, em conferência sobre Machado de Assis, haver algo na poesia que excede a letra: “Ninguém mais, senão cada um de per si, em seu íntimo, sente com a mesma afinidade eletiva”. Pouco importa a sua mestiçagem; a miscigenação não contribui para o apocamento das faculdades humanas.

Em cada etnia há parte das raridades preciosas que seriam atraídas acaso possível a formação ideal de um tipo antropológico. O poeta pôde atenuar no seu mundo interior as lembranças amargas da infância, ainda mais sofrida por

influência telúrica da seca de 1877. A vida do sertão paraibano fazia-se hórri-da e tórrida.

A crônica dos episódios vividos pelo povo no quadriênio final daquela década fatídica sensibiliza os leitores de documentos históricos. Foi o que aconteceu comigo em face das sucessivas mensagens apresentadas à Assem-bléia Legislativa da antiga província, no período em 1877 a 1879, pelos Presi-dentes Esmerino Gomes Parente, José Paulino de Figueiredo, Ulisses Machado Pereira Viana e José Rodrigues Pereira Júnior.

A esperança de cada retirante não mais implorava pão, remédio ou ca-re, mas a própria mortalha. Já não era o espectro da morte que se entranhava nos olhos daquela gente espavorida, mas a própria morte. Por entre restos des-feitos de roças e pastos, ao gemer de homens, mulheres, crianças e animais, os retirantes desnudos sentiam o sol calcinar-lhes o corpo e a angústia minar-lhes os poros da alma.

Meses e anos viveu-se no sertão a vida errante do abandono faminto. Água não havia ao menos para rorejar os olhos secos, fundos e vermelhos de tanta gente sem lágrimas para chorar e (quem sabe!) para beber. A desgraça prolongar-se-ia na miséria, na fome, na ruína, na epidemia e na mortalidade em profusão. Ela talvez tivesse doído no ânimo ainda tenro do poeta. A mor-te do pai, a separação do amor materno e a seca a torturar a alma daqueles que lhe poderiam dar carinho foram estigmas que nunca se apagaram no seu íntimo. O poeta entrou na vida e viveu até a maturidade com o pé esquerdo saliente. Os flagelos e os desencantos precoces contagiaram-lhe a têmpera e o fizeram seco de físico e moral.

SUA ALMA, SUA MINA

A Academia Brasileira de Letras ouviu-lhe esta confissão ao empossá-lo na cadeira que a morte de Luiz Carlos deixou vaga: “Uma vida é a projeção de uma alma no mundo. Nenhum homem pode ser apreciado fora das influências em que nasceu e se lhe cultivou o espírito”. Ao ver sua mãe partir com outro marido sentiu a amargura ainda mais de perto, longe dos brinquedos e folgue-dos da infância. À procura de um outro bem que lhe pudesse atenuar o vazio da alma, desandou à sombra de oiticicas e juazeiros.

A melancolia de tanto cavar-lhe o peito descobriu-lhe a mina de que só os poetas conhecem a riqueza. Além da melancolia entranhada, o ar lento e monótono da vida exterior. Sua infância somente parecia sorrir nas horas em que acolitava os ofícios do pároco na Capela da Conceição. Ele mesmo reve-lou que no íntimo só aspirava incenso e que nos ouvidos ressoavam sinos de campanário.

Araruna do seu tempo não sabia valorizar-se com as messes prometidas pelos três reinos da Natureza. O tino ainda canhestro do povo só se dava ao trato da produção destinada ao consumo imediato. Apenas em faixa exígua alfabetizada, o povo não alcançara o valor do comércio. O solo continha a ar-gila utilizada no preparo de tijolos e telhas. A fauna pertencia aos preás, tatus, veados, raposas, além de araras e outras aves de belas plumagens. Na flora es-parsa, pés de frutas sumarentas e árvores vistosas: aroeira, barauna, pau-d’ar-

co. O ruralismo retardado não abria brecha à expansão das atividades que reproduzem a riqueza.

Mesmo nos últimos tempos, ainda tem sido sóbrio o poder do seu incremento cultural. O espírito popular porventura desejoso de enriquecer-se tem por si apenas uma biblioteca, a que foi dado o nome do poeta, com pouco mais de mil volumes. O Colégio Comercial, também com seu nome, desapareceu. A população do município ainda demorará a sair da casa dos vinte mil.

Pereira da Silva permaneceu naquela Araruna apagada até perto dos 15 anos de idade. Ali aprendeu as primeiras letras com seu tio Sinésio, por ele recordado em versos de ternura grata e comovente. A despeito do aconchego da casa avoenga, sentia-se na solidão. Não se sabe como, viajou para a antiga Capital Federal, onde continuou os estudos no Liceu de Artes e Ofícios; talvez pretendesse adestrar-se em atividade semelhante àquela em que o pai encontrou a profissão.

Ele estava perto dos 19 anos de idade, em 1895, quando resolveu ingressar na Escola Militar da Praia Vermelha; valeu-se do edital de convocação para preenchimento de vagas decorrentes da expulsão de alunos implicados na revolta de 1893. Imagina que alguma exigência, quanto ao limite máximo de idade para ingresso dos aspirantes ao oficialato, o tenha induzido a forjar redução no tempo corrido de sua vida. Daí o desencontro entre a certidão de batismo e o assentamento acadêmico.

O destino conspirou contra sua carreira nas armas; talvez por generosidade, pois não parece que o rapaz possuísse vocação militar. O certo é que o entusiasmo pela intrepidez de Floriano Peixoto fê-lo aderir ao movimento de rebeldia provocado por outros cadetes contra a ordem então vigente. Em consequência, foi recolhido à prisão do Quartel-General e dali removido para o 13º Batalhão de Cavalaria existente em Curitiba.

A cidade paranaense abriu-lhe perspectivas ao espírito no convívio dos homens influentes da literatura. Suas cócegas literárias haviam sido levadas do Rio, onde freqüentou livrarias e ouviu as charlas dos mais instruídos. É desse tempo carioca a amizade que o ligou a Paulo Barreto; ambos se conheceram, quase meninos, no Clube de Regatas Boqueirão do Passeio.

Os estímulos da convivência cultural valorizaram-lhe em Curitiba os pendores poéticos. Certo dia, passado algum tempo de germinação, a sementeira ali mesmo frutificou; frutificou na aparição de *Vae Soli*, em 1905, seu primeiro livro de versos. O fruto foi colhido verde, mas a cor da esperança lhe valeu. Liquidadas suas contas militares, voltou a viver no Rio com o selo da estréia que o predestinou ao alargamento do círculo da vida. Já não era um simples Antonio Joaquim; tinha roda prestigiosa e acesso a palanques.

Aquele tempo, a quem pretendesse altura, rendia socialmente mais ser bacharel em direito do que militar. Ele encasquetou a idéia e foi bem sucedido. Em Araruna ainda há quem conheça a história: o menino Antonio Joaquim anunciou a um conhecido, ao despedir-se da terra, que iria formar-se em direito. O espanto fez o conhecido jurar: — “Isso acontecerá quando as galinhas criarem dentes”. Após a colação de grau, o novo bacharel mandou perguntar ao incrédulo se alguma galinha de Araruna havia criado dentes.

O rubi propiciou-lhe a nomeação para promotor público da comarca de São José dos Pinhais, perto de Curitiba. Volveu ao Paraná após comer no Rio o pão que o diabo amassou; foram-lhe sucessivas as privações, provações e mortificações. Peregrino Júnior resumiu a verdade ao dizer que ele encarnou o papel principal daquele drama do estudante Batista, descrito em livro de Ribeiro Couto. O historiador paranaense Rocha Pombo há de ter concorrido para a nomeação de Pereira da Silva, que namorava sua filha; o namoro prosperou e o casamento aconteceu.

Por injunções políticas, o novo promotor foi transferido para a comarca de Palmeira, que então só se prestava à purgação de pena dos proscritos. Aquele ermo permitiu-lhe, todavia, um retiro que lhe valeu ao estudo do alemão e aos mergulhos na poesia. O poeta chegou a compor um novo livro cujos originais foram remetidos a Euclides da Cunha. Tal como acontecera com o livro **Poemas e Canções**, de Vicente de Carvalho, o polígrafo iria prefaciá-lo; mas deu-se a tragédia de sua morte e os originais se perderam.

Pereira da Silva sentiu-se de alma remoída no longes onde o jogaram; largou a promotoria e voltou a tentar no Rio o encontro de uma nesga de luz na cerração. Os amigos lhe soergueram o ânimo. Quando estudante, naquele convívio fraterno, já havia mourejado na imprensa; tentaria no jornal a conquista do pão cotidiano. Fez-se jornalista, e não simples repórter. No jornal de José Patrocínio dera-se ao luxo de escrever sob pseudônimo: J. D'Além.

No **Rosa Cruz**, o hebdomadário vermelho que manobrava a reação jovem do simbolismo contra os trunfos das letras supostamente carcomidos, participou do grupo a que pertenceram Saturnino Meireles, Felix Pacheco, Gonçalo Jacome, Carlos Dias Fernandes e Álvaro Sá de Castro Menezes. Sua pena, adquirindo crescente vigor, movimentou-se na **Cidade do Rio**, **Gazeta de Notícias**, **Época**, **Pátria** e **Jornal do Comércio**.

O espírito do poeta manteve-se fechado como no tempo da infância. Diziam que ele era uma espécie de São Francisco de Assis; mas um santo que gostava de fumar cigarros de palha e de cruzar as pernas enquanto ouvia as conversas dos outros. . . O certo é que, conforme acentuou seu ilustre sucessor na Academia Brasileira de Letras, “a inteligência libertou-o da humildade”.

A inteligência bem dotada chegou a propiciar-lhe uma cadeira de professor na Faculdade de Direito existente em Niterói, onde ensinava Ademar Tavares, o amigo e confrade que o recebeu no mais alto cenáculo das letras nacionais. Não é de crer, contudo, que tivesse militado no ensino ou na advocacia. Sua militância real concentrou-se na imprensa e na burocracia da Estrada de Ferro Central do Brasil, ao lado de Theodorick de Almeida, também poeta de méritos, e perto de Luiz Carlos da Fonseca, seu fraterno e antecessor na Academia.

As atividades jornalísticas concederam-lhe o principal ganha-pão da vida. Ele soube fazer imprensa com segurança profissional e decência, inclusive nos artigos de fundo sobre assuntos de dentro e de fora do país. Assim aconteceu no tempo em que serviu como redator-chefe do matutino **A Pátria**, dirigido por seu velho amigo Paulo Barreto, o João do Rio dos sueltos, das reportagens e das crônicas de viços e vícios mundanos.

A **Pátria** havia sido fundada em 1922 e sua direção foi exercida também por Diniz Júnior; funcionou no Largo da Carioca, primeiramente, e, depois, na antiga Rua Chile deste velho Distrito Federal, hoje Rua Melvyn Jones. Vão-se indo os jomais que se destinam ao sustento da opinião pública independente; a duras penas mantêm-se os que resistem às adversidades. No Império, muito mais sorte tiveram os grandes movimentos sociais que nos garantiram a Abolição e a República.

A prosa de Pereira da Silva dava-se de preferência às verdades dos fatos refletidos à luz dos pensamentos costurados; não era de alinhavos ou improvisos. Mas não havia riqueza no seu estilo, na sua frase, no seu verbo, no seu adjetivo, nem havia calor em sua conversação; riqueza também não há no seu rímario. Léon Daudet costumava dizer que o verbo é o osso da frase. Ponho-me em dúvida; não sei se é o osso ou o nervo. O adjetivo, este sim, é como a gravata enlaçada no colarinho, caindo pela camisa; apesar de enfeite discreto ou berrante, no colorido jogo dos contrastes, a gravata completa o traje.

O estilo é no escritor como a indumentária no corpo humano. Em algumas ocasiões, a roupa sóbria aceita a gravata bizarra, pois o contraste quebra a singeleza do conjunto. Certos escritores dão-se ao luxo de colecionar e empregar adjetivos estapafúrdios, tal como o homem sofisticado que esteja sempre enriquecendo o estoque de suas gravatas por imaginar no revezamento o sustento de sua elegância.

Assim como assim, o positivo é que a grandeza perene do escritor consiste na sabedoria da sua simplicidade. O pensamento ou a idéia que ele faz nascer, fruto do conúbio entre sua alma e seu espírito, é vestido com um mínimo de rebuscos e apresentado ao leitor em linguagem direta e concisa. Machado de Assis tornou-se exemplo permanentemente vivo desta verdade. Já chega a ser truísmo repetir-se que a elegância real está na constância da naturalidade, na desfetação, na singeleza, no senso da espontaneidade, que tanto se esmera na indumentária do homem como no estilo do escritor.

O mestre de **Várias Histórias** deu-nos uma lição a respeito no conto **O Cônego ou Metafísica do Estilo**, figurando o substantivo à procura do adjetivo: Sívlio no enalço de Sívvia. O traje distinto corresponde no homem de boas maneiras ao estilo escorreito no escritor de alta categoria. Imagino que a simplicidade própria da elegância exterioriza um modo de ser da alma, enquanto a do estilo de um escritor parece traduzir o estado costumeiro do seu espírito. Minha veleidade não se extremaria a ponto de fazer-me supor um escritor categorizado, nem a de Pereira da Silva em relação a si mesmo, se ele a possuísse ou acaso não tivesse vivido, modesta e despretensiosamente, como São Francisco de Assis. O estilo de que me valho está longe de ser incompleto. Este último adjetivo parece ter-me vindo de encomenda, pois comprova minha indigência literária.

SOLITUDES OU PLENITUDE

Conheci o poeta de **Solitudes** na década dos vinte; ele já era maduro e eu adolescência. Ainda me faltava algum tempo para atingir a maioridade, em 1925, quando Pereira da Silva dirigia com Agripino Grieco e Théo Filho O

Mundo Literário, mensário editado pela Livraria Leite Ribeiro, antecessora da Livraria Freitas Bastos. Mereci-lhe, como estímulo, a publicação de um estudo que havia perpetrado sobre Henreich Heine. Menos de dez anos após, quando ingressei na Academia Carioca de Letras, Pereira da Silva voltou a incentivar-me com uma crônica sobre meu discurso de posse, depois enfeitado no livro *O Barão*. O Barão do Rio Branco é o patrono da cadeira que tenho naquela Academia.

O simbolismo não influenciou a alma romântica do poeta, romântica e nostálgica. Não é de crer, também, na similitude entre sua poesia e a de Augusto dos Anjos. Lembro-me daquele pau-d'arco do velho engenho de bangüê em que Augusto dos Anjos nasceu; figuro vê-lo refletido em sua imaginação, entre pendões de flores espantadas, numa aquarela de cenário macabro. Aquela árvore não enlaçaria no brilho de marfim da tarde opalescente ramos violáceos de tom desmaiado. A melancolia que porventura os tenha seguido irisou-se na alma de um e outro com dessemelhantes matizes.

As flores amarelas do desespero recamaram o íntimo de Augusto dos Anjos e aquelas outras de tonalidade roxa, cor da saudade ou da melancolia, enlagueceram o ânimo de Pereira da Silva. O desespero fez um poeta gritar e a tristeza acabrunhada provocou os queixumes do outro. A alma desesperada de Augusto dos Anjos libertou-lhe a imaginação, conduzindo-a aos píncaros "para viver na luz dos astros imortais, abraçado com todas as estrelas". Surdo aos bulícios langorosos, o poeta transcendeu às alturas para mergulhar a cabeça no infinito. A sublimação condoreira libertou-o. Pereira da Silva preferiu conter os sentidos entre algemas; resignou-se à nostalgia que o fez escravizar-se às dolências românticas. Ele sentia volúpia na solidão; nela tentava avivar imagens, passagens e paisagens mortas.

Lembrei-me dos quadros tristes da sua infância e dos tormentos do seu cotidiano adulto. Lembrei-me, inclusive, de que no seu vilarejo o pau-d'arco também florescia nos caminhos por onde errou, despercebidamente, sentindo a falta do pai e a ausência do aconchego materno. O poeta ia buscar dentro da Natureza os lenitivos que lhe amenizassem a perda do lar. O destino furtou-lhe os afetos caseiros insubstituíveis e a presença da morada que o abrigou primeiro.

Releio sua poesia adivinhando a inspiração que também nutriu os versos de Antonio Nobre; menos infortunado, o poeta português pôde cantar sua nostalgia recordando a casa dos seus pais. Em 1891, quando Pereira da Silva possuía 15 anos de idade e viajou para o Rio, Antonio Nobre compôs este soneto:

*Aqui, sobre estas águas cor de azeite,
cismo em meu lar, na paz que lá havia:
Carlota, à noite, ia ver se eu dormia
e vinha, de manhã, trazer-me o leite.*

*Aqui, não tenho um único deleite;
Talvez. . . baixando, em breve, à água fria,
sem um beijo, sem uma Ave-Maria,
sem uma flor, sem o menor enfeite!*

*Ah! pudesse eu voltar à minha infância!
Lar adorado, em fumos, a distância,
ao pé da minha irmã, vendo-a bordar!
Minha velha aia! Conta-me essa história
que principiava, tenho-a na memória,
“era uma vez. . . “Ah! deixem-me chorar!*

A saudade não larga o passado; é sua companheira ciumenta. Amoroso Lima, ao ser recebido pela Academia Francesa como delegado da sua congênera brasileira, disse esta verdade: “Le passé n’est pas ce qui se passe, mais ce qui ne passe pas. C’est ce qui reste de tout ce qui s’est passé”. A semente da saudade portuguesa de Antonio Nobre parece irmã daquela que Pereira da Silva sentiu germinar em sua nostalgia.

O poeta da nossa terra não perscrutou a vivência do lar paterno, mas prendeu sua alma nas paisagens de Araruna. Saudade é remédio que aumenta a dor da separação. Há saudade que às vezes começa num palavrão, mas acaba numa ladainha. A saudade às vezes é sereia intrusa; ocupa o vazio da alma ausente para demorar-se na plangência do passado. A saudade é plástica; põe-se numa imagem e estica-se até onde só ela sabe. Ninguém a vê, mas todos lhe sentimos o peso e a medida.

A saudade entretida por Antonio Nobre naquele soneto recordado é tal que esta outra refletida por Pereira da Silva no poema **A Loa da Vagabunda**:

*Lembra-me bem da minha nobre terra.
Tudo era verde. Havia sobre a serra
eternamente incensos de nevoeiro.*

*E vales, montes, – o ambiente inteiro
era só de flores, – um montão de flores
em que eu fitava os olhos cismadores,
feliz de ver-me num torrão fecundo
belo e floral como o jardim do mundo.*

*Lembro-me bem daquela Natureza:
céus imortais em tons de azul-turquesa,
campos ridentes, prônubos pombais,
gados às soltas, cheiro de currais.*

*E, às horas fortes dos sertões, a sesta,
o conforto sombrio da floresta,
alfombras mais suaves que o veludo,
o coração e o pensamento em tudo.*

.....
*Ah! minhas horas íntimas, caladas,
ermando ao largo e ao longo das estradas!
Arvoredos sombrios dos caminhos,
romantismos de pássaros e ninhos,
a primavera refluindo os montes,
as verduras idílicas das fontes,
a casa branca, a festa das abelhas
e as andorinhas no desvão das telhas!*

Manuel Bandeira admitiu haver sido no soneto que o poeta mais afirmou sua expressão, “como se o seu **temperamento romântico** necessitasse de contenções e limitações para se despojar de superfluidades”. Não creio que a inspiração poética deva reprimir-se, acaso possua sentido. Não creio que a poesia deva estruturar-se ou mecanizar-se, salvo se interessada em desmerecer-se na desfiguração, fora da alma, por apego às concepções cerebrinas.

Creio que a mecânica no verso, como escreveu Herman Hesse no livro **Abaixo das rodas**, “destrói a visão dinâmica da criação”. Bulhão Pato lembrou em suas memórias que são freqüentes os casos de nostalgia nas gentes do campo, quando deixam as suas montanhas e vão viver noutras terras. Figuro Pereira da Silva como exemplo; a nostalgia embebeu-se em sua alma, que se vestiu em feição seráfica. Ele se fez só; o abandono do ermo talvez o tenha levado ao encontro do horto.

Horto é também título do livro de Auta de Souza, que, por igual, nasceu no ano de 1876, pouco menos de dois meses antes do poeta paraibano. Ambos se encontraram dentro da mesma poesia em várias ocasiões, um levado pela nostalgia e outro pelo misticismo. Ambos carpiram amarguras da alma e sofreram no corpo de mal idêntico. Auta seguiu no colégio aquelas mesmas litanias que Pereira da Silva ouviu dentro da própria igreja.

A poetisa conheceu na infância a dupla orfandade e sofreu a tragédia da morte do seu irmão devorado pelas chamas de um incêndio em Macaíba, a cidade do Rio Grande do Norte em que nasceu. A mesma doença foi o mal crônico por ambos vivido, mas a cronicidade maior do infortúnio moral foi estigma do destino seguido por Pereira da Silva após o desencanto conjugal.

O livro **Horto** foi publicado em 1900 e o **Vae Soli**, de Pereira da Silva, cinco anos depois. O tom monocórdio existente nos ritmos renovados acentua-se em numerosos versos de ambos os livros. Curioso é lembrar que em 1901 a poetisa esteve a quase 50 quilômetros de Araruna, já na ausência do poeta, quando estacionou na antiga Copaoba “à procura do clima serrano para a sua doença do peito”. José Américo de Almeida não se esqueceu de contar-nos isto no livro das memórias de sua infância. Ele andou por lá aos 14 anos de idade, quando levado para o seminário onde lhe quiseram forçar o destino. Curioso, ainda, é observar que muitos traços étnicos são comuns aos dois recordados cultores da poesia. O confronto entre os retratos que estão no vestíbulo do **Horto** e do **Alta Noite**, por exemplo, deixa-nos identificar parencas não somente no olhar cismarento de ambos.

O poeta de **Solitudes** amargurou-se ainda mais penosamente na fase dura da sua vida. Esse que é o melhor dos seus livros foi publicado treze anos após o aparecimento do livro de estréia; foi publicado com a inclusão de várias poesias constantes do primeiro, algumas refundidas e outras revistas. O livro de estréia não sensibilizou o juízo da crítica literária e, por isto, julgou-se frustrado. Mas outra razão, sem dúvida amarga e penetrante, acutilou-lhe o ânimo.

O sucesso de **Solitudes** suavizou-lhe a pressão dos tormentos; equivaleu a uma consagração. A crítica recebeu o livro como um dos maiores e mais significativos de então. A glória abriu-lhe os braços, mas não o íntimo. As amar-

guras o molestaram ainda mais do que a melancolia, levando-o no fim da vida às tendências religiosas visíveis em alguns dos seus últimos poemas.

Muitas urtigas entranharam-se em sua alma. O poeta não encontrou mutualismo em sua fidelidade conjugal. Luiz Murat admirou-lhe a feição solitária, auscultando “a dor sincera em que se lhe imergem os versos vindos de sentimentos inexoravelmente recalcados por um destino cruel”.

Nos versos **Ad Lyram**, do livro **Beatitudes** publicado em 1919, já se julgava “abandonado, com todo o dissabor do seu passado”; tornou-se “indiferente para o seu futuro, por ver o amor cada vez mais perjuro”. No poema **In solitudinis cordis**, do mesmo livro, sentiu “como um frio pavor nos transfigura e punge a nossa desventura de ter amado a quem não soube amar!” Depois de haver dito que “a glória é como o amor, também traiçoeira”, verso de **O eterno ciclo**, chegou a praguejar em **Maldição**:

*Sobre a tua cabeça impenitente
caía dos céus a cólera incendiada.
Deus sabe quanto inexoravelmente
amargaste e encurtaste a minha vida!*

.....
*Maldita – pelo tédio prematuro
que me deixou na vida a olhar, sereno,
toda a desolação do meu futuro!*

As amarguras que lhe envolveram o destino fizeram-no clamar adiante (pág. 143), no soneto **Renúncia**:

*Que importa a vil e lóbrega conduta
que preferiste, por teu mal, na vida?
Deus sabe que minha alma resoluta
tudo afrontou por não te ver perdida.*

A despeito das inclemências suportadas, algumas vezes conteve o desespero; a esperança romântica reabria-lhe a alma para que ele confiasse no advento da consolação. Eis o que se depreende destes versos do poema **Em seu altar**, também incluído no livro invocado:

*Não! não me faltes, última esperança
de um coração morto na Primavera,
mas que, ainda assim, quer esperar e espera!*

Em **Aspiração romântica**, outro poema do mesmo livro, esperava que fossem menos rudes “os derradeiros anos de uma vida em labores tão nobres consumida”. E imprecava:

*Ah! com bem pouco, Deus, transformarias
em puros bens tantas melancolias!*

O Deus de sua crença ouviu-lhe a impreciação e transformou-lhe a melancolia em puros bens. Um outro amor, que morava na vizinhança carioca da Avenida Paulo de Frontin, lhe chegaria aos cinquenta e quatro anos de idade.

O novo casamento realizou-se em 1930, quando a Academia Brasileira de Letras se dispunha a abrir-lhe as portas (1932).

A ventura pareceu-lhe solidária naquele tempo já avoengo, chegando-lhe ao coração com tanta pureza que o fez duvidar ante a sabedoria do provérbio: quando a esmola é grande o pobre desconfia. Daí dizer em tom de pilhéria à Dona Antonieta, com quem se desposou, que ela gostava mesmo era dos seus versos. Pereira da Silva reencontrou a felicidade perto da última fronteira da vida. Muito lhe valeu ao acaso a recompensa consoladora refletida em suas últimas poesias.

Alta Noite, seu último livro, foi publicado em 1940. O livro testifica as mudanças amoráveis e comprova quanto o poeta havia penado ainda mais por amargura do que por melancolia. Já então ele não se desalentava entre as brumas do desencanto refletido na melhor e mais penosa coleção dos seus versos. **Solitudes**, do ponto de vista poético, é sua principal criação; deveria ter tido, porém, outro nome de batismo, que poderia ser **Plenitude**. Pereira da Silva deixou de considerar a morte o único bem após unir-se à Dona Antonieta e ingressar na Academia Brasileira de Letras. O poeta festejou no poema **Felicidade**, incluído no seu último volume, a hora magnânima da reconciliação:

*Felicidade, eu não descri de ti.
No que vi,
no que ouvi,
no que sonhei na flor da juventude,
no vício e na virtude
nunca pude encontrar-te, como quis,
dama de áureo cabelo e de ar feliz!
Nunca pude encontrar-te. A vida inteira
vim passando a esperar-te e a cada dia
pensava: "ela há de vir, essa Estrangeira
que só eu compreenderia.
Ela há de vir, hoje, amanhã. . . que importa?
Quando menos cuidar
ela há de vir bater à minha porta,
que se há de abrir, por si, de par em par.
E eu lhe direi, vendo-a tão loira e linda:
há muito eu te esperava. Sê benvinda!*

Sua poesia desdobra-se em sete livros: **Vae Soli!** (1905), **Solitudes** (1918), **Beatitudes** (1919), **Holocausto** (1921), **O Pó das Sandálias** (1923), **Senhora da Melancolia** (1928) e **Alta Noite** (1940); permanecem inéditos **Os homens de Deus e Milagres de Cristo** e **Intranqüilidade e Meus irmãos**, os poetas.

A doença já lhe minava o peito quando se voltou para os homens de Deus e para os milagres de Cristo. Tentou a cura onde pôde; em Pati do Alferes, Rodeio e Vassouras. A morte foi buscá-lo numa casa de saúde da Gávea, bairro desta cidade do Rio de Janeiro; morreu ali, em 1944, quando possuía 68 anos de idade. No período final de sua vida não suportava estar sozinho; temia a solidão a que antes tanto se aconchegara.

Pereira da Silva escreveu no álbum de autógrafos do meu ilustre confrade Modesto de Abreu, em maio de 1942, modesto soneto a que intitulou **Destino**:

*Uns nascem na miséria, pois os pais,
como a Virgem Maria e São José,
nada possuem, senão, talvez, a fé
nas complacências sobrenaturais. . .*

*Outros nascem no fausto – e o que mais é –
já tendo, sem saber, nos berços reais,
trono, fortuna – tudo que jamais
pensaria a progênie da ralé.*

*Apesar disso, quanta vez os fados
dos pequeninos e dos potentados
invertem-se ao correr do tempo vário!*

*Os pequeninos sobem, fazem leis,
e os potentados – príncipes ou reis –
morrem no ferro do pior sicário.*

O pai do poeta não era santo nem se chamava José, mas foi carpinteiro. A mãe também não tinha santidade, embora seu nome fosse Maria. Não sei se eles acreditavam nas complacências sobrenaturais; sei que eram pobres, que não poderiam dar ao filho berço de rendas ou vesti-lo com peplos de seda. A progênie do poeta não lhe pôde legar ouro ou grandeza, mas lhe doou as dignidades da honra preservada pelo estoicismo do trabalho ardente. A despeito de haver nascido e crescido entre os pequeninos, não chegou a fazer leis; fez poesias, contudo, e com elas coroou o destino iniciado no sertão paraibano.

O sertão ensinou-lhe a ser impávido. As peculiaridades agrestes do meio, as inclemências tropicais, as variações telúricas e as paisagens bucólicas da distância o predispueram à emulação. Sua alma desnudou-se para incutir-se na gangorra da vida. Sua aparência de irresolução e placidez foi varrida pela tenacidade que o fez voar nos mergulhos e mergulhar nas alturas. O sertanejo não demora boiando. O jogo triturado da imaginação impele-o ao arregaçamento das mangas. Nas entranhas das desesperanças atrai o azougue que se transforma em feitiço para iluminá-lo.

O sertanejo desdenha o tédio curtido na vida vazada, vexada, virada, volante e vulgar que vagueia entre vinténs vazios e velhos violões vadios. As adversidades semeiam vitórias. Pereira da Silva soube vitoriar-se por não lhe haver varrido a imaginação as contraditórias lembranças de sua terra natal.